



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS URUÇUI
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

NATANAEL DA SILVA FREITAS

FORMAÇÃO DOCENTE INCLUSIVA: AS CONTRIBUIÇÕES DA LIBRAS NO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

URUÇUI

2025

NATANAEL DA SILVA FREITAS

FORMAÇÃO DOCENTE INCLUSIVA: AS CONTRIBUIÇÕES DA LIBRAS NO CURSO
DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso de Licenciatura em Ciências
Biológicas do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Uruçuí.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Híngara Leão Sousa de
Loureiro.

URUÇUÍ

2025

FORMAÇÃO DOCENTE INCLUSIVA: AS CONTRIBUIÇÕES DA LIBRAS NO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Natanael da Silva Freitas¹
Híngara Leão Sousa de Loureiro²

RESUMO

A inclusão de pessoas surdas no ambiente educacional tem sido um dos principais desafios enfrentados pela educação brasileira nas últimas décadas. Este trabalho teve como objetivo analisar as contribuições da disciplina de Libras no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na formação de professores, com foco na inclusão de estudantes surdos. A pesquisa foi realizada com 33 docentes da Educação Básica, atuantes em escolas públicas e privadas do município de Uruçuí, Piauí. A fundamentação teórica baseou-se em autores como Libâneo, Quadros, Karnopp, Gesser, Mantoan, entre outros, que discutem a formação docente e o ensino inclusivo. A metodologia utilizada foi de abordagem quali-quantitativa, por meio da aplicação de um questionário com 14 questões, disponibilizado aos professores via Google Forms. Os dados revelaram que, embora a maioria dos professores reconheça a importância da disciplina de Libras, ainda existem lacunas significativas na carga horária, na prática pedagógica e na formação continuada. Conclui-se que, apesar dos avanços legais e curriculares, a disciplina de Libras precisa ser fortalecida nos cursos de licenciatura, com mais vivências práticas e articulação com a realidade educacional, para garantir uma atuação docente verdadeiramente inclusiva.

Palavras-chave: docência; educação inclusiva; estudantes surdos.

ABSTRACT

The inclusion of deaf individuals in the educational environment has been one of the main challenges faced by Brazilian education in recent decades. This study aimed to analyze the contributions of the Brazilian Sign Language (Libras) discipline in the undergraduate Biological Sciences program for teacher training, focusing on the inclusion of deaf students. The research was conducted with 33 Basic Education teachers working in public and private schools in the municipality of Uruçuí, Piauí. The theoretical framework was based on authors such as Libâneo, Quadros, Karnopp, Gesser, and Mantoan, who discuss teacher education and inclusive teaching. The methodology employed was a qualitative and quantitative approach through a questionnaire with 14 questions, made available to teachers via Google Forms. The data revealed that, although most teachers recognize the importance of the Libras discipline, significant gaps still exist in course workload, pedagogical practice, and continuing education. It is concluded that, despite legal and curricular advances, the Libras discipline needs to be strengthened in teacher education programs, with more practical experiences and connection to the educational context, to ensure truly inclusive teaching practices.

Keywords: teaching; inclusive education; deaf students.

Data de aprovação: 02/07/2025

¹ Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Uruçuí. Email: natanaeldasilvafreitas57@gmail.com.

² Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Uruçuí. E-mail: hingara.sousa@ifpi.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Libras é a abreviação de Língua Brasileira de Sinais, comumente usada por pessoas com necessidades educacionais específicas, no caso a surdez, para a sua comunicação com outros surdos e com ouvintes, legalmente reconhecida como meio de comunicação e expressão (Soares, 2015). Sua importância vai além do seu cumprimento legal estabelecido pela Lei nº 10.436/2002. Ela é um direito linguístico fundamental que assegura a inclusão efetiva da comunidade surda na sociedade. Dessa forma, ela desempenha um papel essencial na promoção da comunicação e na construção de uma sociedade mais acessível e inclusiva.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a surdez é caracterizada pela perda total ou parcial da capacidade auditiva, podendo afetar um ou ambos os ouvidos. Essa condição pode ser congênita ou adquirida e varia em graus, desde leve até profunda. A utilização do termo "surdo-mudo" é inadequada, pois muitas pessoas surdas possuem a capacidade de falar. A dificuldade está na aquisição da fala pela via auditiva, e não na produção da fala em si. Portanto, nem todo surdo é mudo, e essa nomenclatura perpetua equívocos e preconceitos sobre essa comunidade (Santos *et al.*, 2023).

Para promover a efetiva participação das pessoas surdas na sociedade, e evitar a subjugação das minorias, as escolas precisam se organizar considerando três aspectos fundamentais: a interação por meio da língua de sinais, a valorização dos conteúdos escolares e a articulação desses conteúdos com a cultura surda. A escola deve ser um espaço de valorização desta cultura, promovendo práticas pedagógicas que respeitem a identidade linguística dos alunos surdos e favoreçam sua plena inclusão social (Vilhalva; Santos, 2017). Contudo, a inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas é um dos maiores desafios da educação moderna.

A exclusão de pessoas surdas é uma questão bastante preocupante, principalmente no âmbito escolar e acadêmico. Nos cursos de Ciências Biológicas, a inclusão torna-se mais difícil devido à utilização de termos científicos complexos, e, na maioria das vezes, isso afeta o aprendizado dos alunos, dificultando sua aprendizagem. Diante dessa realidade, a formação do professor torna-se essencial, especialmente quanto ao domínio da Libras, que deve ser abordada de forma mais efetiva durante a graduação. A presença da disciplina de Libras no currículo dos cursos de licenciatura precisa ser fortalecida, garantindo não apenas seu cumprimento legal, mas, sobretudo, a capacitação real dos docentes para promover a inclusão de estudantes surdos nas aulas de Ciências.

Diante das dificuldades encontradas no aprendizado dos alunos com surdez nos cursos de Ciências Biológicas (Formulo, 2019), é necessária a realização de trabalhos que investiguem de que forma a Libras é trabalhada e sua relevância na formação de professores nessa área. Essa abordagem deve servir como incentivo para ampliar o conhecimento sobre esta temática, que é de fundamental importância tanto no meio acadêmico quanto na vida das pessoas surdas. Por isso, este trabalho teve como objetivo analisar as contribuições da disciplina de Libras na formação do professor de Ciências Biológicas.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no mês de abril do ano de 2025 com 33 professores da Educação Básica de escolas públicas e privadas da cidade de Uruçuí, Piauí, localizada na região Nordeste do Brasil. É importante destacar que os docentes participantes da pesquisa se formaram em instituições de ensino superior distintas, localizadas em diferentes regiões do Brasil. Essa diversidade formativa contribui para a variedade de percepções e experiências relatadas sobre a disciplina de Libras, enriquecendo a análise dos dados obtidos.

Segundo dados do IBGE (2024a), o município de Uruçuí possui uma população estimada em 26.501 habitantes, com a economia baseada principalmente no agronegócio e na prestação de serviços públicos e privados, como comércio, saúde e educação. Além dos aspectos sociodemográficos, é relevante considerar o panorama educacional do município, que possui uma extensão territorial de 8.413,002 km² (IBGE, 2024b) e densidade demográfica de 3,00 habitantes por km² (IBGE, 2023). O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,631, classificado como médio (IBGE, 2010). No que se refere à rede de ensino, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é de 97% (IBGE, 2010). Atualmente a cidade conta com 25 estabelecimentos de Ensino Fundamental, que concentram 4.109 matrículas, e 5 escolas de Ensino Médio, com um total de 1.158 matrículas (INEP, 2023).

O contato inicial com os participantes ocorreu via *WhatsApp*, seguido de visitas presenciais às escolas. Após o aceite, os professores firmaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual garante a participação voluntária e consciente dos envolvidos, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). O TCLE é um instrumento que assegura o respeito à autonomia dos sujeitos da pesquisa, permitindo-lhes decidir sobre sua participação de forma livre e esclarecida (Castro et al., 2020).

O questionário tinha 14 questões, objetivas e subjetivas, e estava dividido em três sessões: a primeira continha perguntas sobre informações gerais de cada participante, como idade e sexo; a segunda tinha o objetivo de avaliar a percepção de cada professor sobre o ensino de Libras na graduação; e a terceira buscou avaliar as contribuições da Libras para a atuação profissional na perspectiva de cada docente. O questionário foi aplicado online, via *Google Forms*, enviado através da plataforma *WhatsApp*. A abordagem da pesquisa foi quali quantitativa, buscando tanto quantificar os dados quanto interpretar as percepções dos docentes (Creswell, 2010), unindo os pontos fortes de cada abordagem.

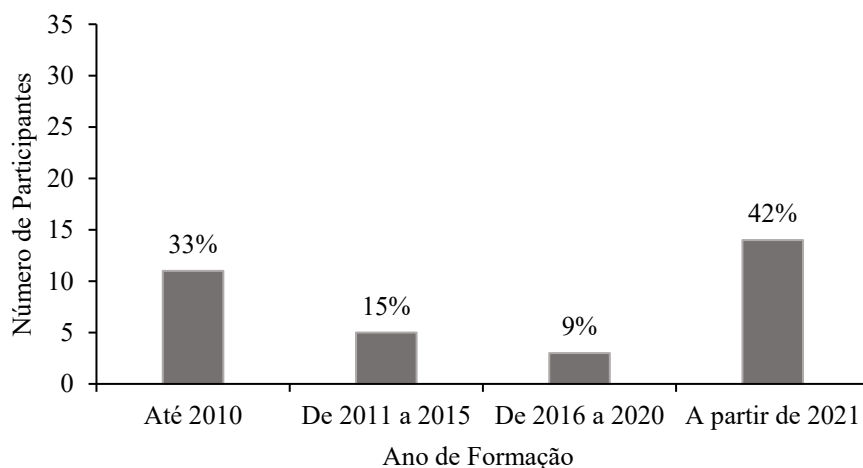
Após o preenchimento dos questionários, os dados foram organizados, tabulados e analisados utilizando o programa *Excel* da *Microsoft*, nele foi possível calcular as frequências absolutas e relativas. Os resultados quantitativos foram apresentados por meio de gráficos e dados descritivos. Já os resultados qualitativos foram apresentados por meio de quadros, nos quais foram descritas as respostas dos participantes referentes às questões abertas do questionário.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 33 professores participantes da pesquisa, 21 eram do sexo feminino (64%) e 12 eram do sexo masculino (36%), com idade de 22 a 61 anos. A maioria dos professores estava na faixa etária de 24 anos (6 professores, 18%), seguida de 3 professores com 22 anos de idade (9%). Nove professores apresentaram maior faixa etária, variando de 41 a 61 anos.

Na primeira questão foi investigado em que ano cada docente concluiu sua formação em Licenciatura em Ciências Biológicas. Os dados mostram que muitos docentes (42%), concluíram o curso a partir de 2021 (Figura 1), indicando um perfil profissional mais jovem e possivelmente mais exposto às políticas educacionais atuais, incluindo a obrigatoriedade do ensino de Libras na graduação. Por outro lado, 11 docentes (33%) se formaram até 2010, o que pode refletir uma formação anterior à Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, e ao Decreto nº 5.626/2005, que instituiu a obrigatoriedade da disciplina de Libras nas licenciaturas. Considerando que a implementação efetiva dessa legislação nas instituições de ensino superior ocorreu de forma gradual e desigual, é provável que esses docentes não tenham tido contato sistemático com a Libras durante sua formação inicial.

Figura 1 – Frequência absoluta dos professores de acordo com o ano em que cada docente concluiu sua formação em Licenciatura em Ciências Biológicas

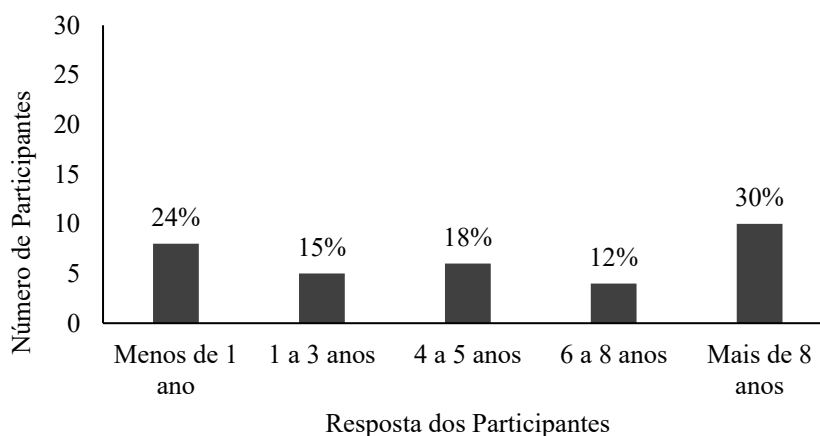


Fonte: Autores, 2025.

Segundo Quadros (2000), a inserção da Libras nos cursos de formação docente é essencial para garantir práticas educacionais inclusivas, mas sua efetividade depende da época e da forma como foi implementada nas instituições de ensino superior. Essa diversidade temporal entre os concluintes pode influenciar diretamente nas percepções que esses profissionais têm sobre a disciplina e sua relevância na prática pedagógica. Além disso, como afirma Moura (1997), professores formados após a regulamentação da disciplina de Libras tendem a demonstrar maior familiaridade com práticas inclusivas, embora isso não signifique domínio técnico da língua de sinais, o que reforça a importância da formação continuada.

A segunda pergunta do questionário buscou investigar o tempo de atuação de cada participante como docente na área de Ciências Biológicas. A Figura 2 mostra que a maior parte dos professores (42%) possui mais de 6 anos de experiência, o que pode indicar uma maturidade profissional relevante e, possivelmente, maior contato com práticas inclusivas ao longo da carreira. Por outro lado, chama atenção que 39% estão na docência há menos de 3 anos, o que reforça a presença significativa de novos profissionais no mercado de trabalho.

Figura 2 – Frequência absoluta dos professores de acordo com o tempo de atuação como docente

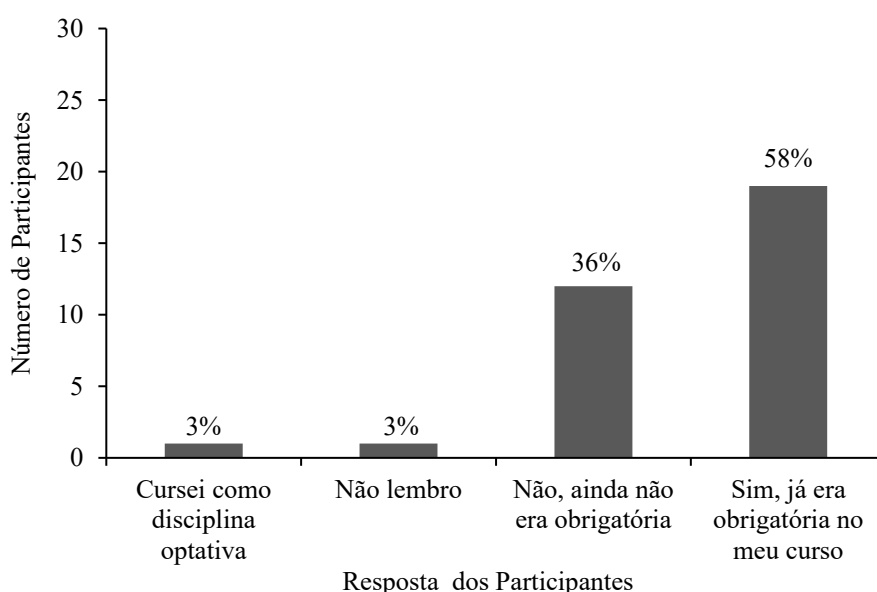


Fonte: Autores, 2025.

O maior tempo de atuação profissional pode proporcionar ao docente vivenciar diferentes experiências relacionadas à inclusão de estudantes surdos, contribuindo para uma compreensão mais ampla e prática desse contexto. De acordo com Gesser (2009), a formação continuada é essencial para suprir lacunas deixadas na graduação, especialmente no que se refere à inclusão de alunos surdos e ao uso da Libras em contextos reais de ensino. A atuação docente ao longo do tempo influencia diretamente na compreensão da inclusão, conforme destaca Lopes (2004), ao afirmar que o contato com diferentes perfis de estudantes pode levar o professor a reconhecer a necessidade de ampliar suas competências comunicativas e pedagógicas.

Na questão seguinte foi perguntado se quando o docente concluiu a graduação em Ciências Biológicas, a disciplina de Libras já fazia parte do currículo obrigatório. Observa-se que a maioria dos professores (58%) afirmou que a disciplina de Libras já era obrigatória quando cursava a graduação em Ciências Biológicas (Figura 3). Esse dado revela o impacto da Lei nº 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, que tornou obrigatório o ensino de Libras nos cursos de formação de professores. A inclusão da disciplina nos currículos é uma tentativa de promover uma formação docente mais sensível às demandas da educação inclusiva.

Figura 3 – Frequência absoluta dos professores ao serem questionados se a disciplina de libras já fazia parte do currículo obrigatório quando concluíram sua graduação



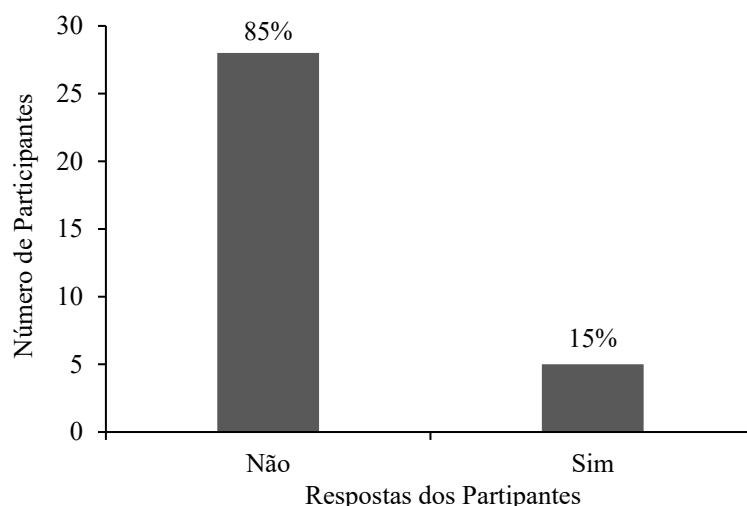
Fonte: Autores, 2025.

Entretanto, 12 docentes (36%) relataram que, na época de sua formação, a disciplina ainda não era obrigatória, o que sugere que muitos profissionais podem estar atuando na educação sem uma base sólida para lidar com alunos surdos. Isso revela a importância da formação continuada para suprir lacunas deixadas pela graduação. Além disso, um pequeno número de professores (6%) não lembra ou cursou Libras como disciplina optativa. Isso reforça o que autores como Quadros e Karnopp (2007) apontam, que a ausência ou a fragilidade do ensino de Libras compromete a inclusão escolar do estudante surdo, dificultando a mediação pedagógica.

A próxima questão investigou se os professores possuíam alguma formação complementar em Libras, e em caso positivo, que especificasse. Esta questão visou compreender se os professores entrevistados buscaram ampliar sua formação em Libras além

do que foi oferecido na graduação. As alternativas consistiam em “Sim” e “Não”, com um campo aberto para detalhamento no caso afirmativo. Vinte e oito professores (85%) responderam “Não”, ou seja, não possuem uma formação complementar em Libras, e 5 (15%) responderam “Sim”, que possuíam uma formação complementar em Libras (Figura 4).

Figura 4 – Frequência absoluta dos docentes quanto a formação complementar em Libras



Fonte: Autores, 2025

Com base nas respostas abertas da questão, observou-se que alguns docentes relataram já ter realizado formações complementares em Libras, incluindo cursos de curta duração, módulos introdutórios, especializações e aperfeiçoamentos voltados à comunicação básica em Libras. Essas iniciativas demonstram um interesse individual por parte dos professores em ampliar seus conhecimentos, mesmo diante das limitações encontradas na formação inicial.

Essas formações indicam uma busca voluntária por parte de alguns docentes em suprir as lacunas deixadas pela graduação. Esse comportamento é coerente com o que defende Skliar (1997), ao apontar que a formação docente em inclusão exige um movimento contínuo de atualização e sensibilidade às diferenças. Por outro lado, uma parcela considerável dos participantes declarou não possuir qualquer formação complementar em Libras, o que pode representar uma fragilidade na prática docente com alunos surdos, sobretudo em contextos como o ensino de Ciências, que frequentemente exige uma comunicação particular em atividades práticas, como em laboratório ou campo. Segundo Lacerda (2006), a ausência de formação continuada dificulta a adoção de estratégias pedagógicas eficazes para estudantes surdos, comprometendo não apenas a aprendizagem, mas a própria inclusão social e acadêmica desses alunos.

Na pergunta seguinte buscou-se identificar como os professores avaliam a importância da disciplina de Libras na formação do professor de Ciências Biológicas. A maioria dos participantes avaliou a disciplina de Libras como muito importante (31 professores, 94%) para sua atuação como docente. Nenhum docente marcou a opção “Pouco importante” ou “Não importante”. A importância da Libras na formação docente em Ciências Biológicas pode ser observada de forma específica em diversos aspectos. A Libras possibilita ao professor comunicar de maneira eficaz conteúdos que exigem descrição visual detalhada, como morfologia de organismos, ciclos biogeoquímicos, processos celulares e atividades de laboratório. Além disso, a presença da Libras contribui para a inclusão efetiva de estudantes surdos em aulas práticas e em saídas de campo, que são componentes essenciais na formação

em Biologia. Por fim, ao dominar a Libras, o docente é capaz de adaptar materiais didáticos, promover acessibilidade nos recursos audiovisuais e criar um ambiente de ensino que valorize a diversidade biológica e humana, alinhando-se aos princípios da educação inclusiva no ensino de Ciências.

Esse entendimento reforça o que destaca Quadros (2000), ao afirmar que o ensino de Libras na formação inicial dos professores não deve ser tratado apenas como uma exigência legal, mas como uma ferramenta indispensável para práticas pedagógicas inclusivas. Além disso, Mantoan (2015) enfatiza que a formação de professores para a inclusão precisa ir além da técnica, ela deve fomentar uma postura ética e comprometida com a equidade, o que é favorecido pelo contato com disciplinas como a Libras durante a graduação. Contudo, é importante destacar que, embora reconheçam a importância da disciplina, muitos docentes relataram dificuldades quanto à carga horária e à continuidade da aprendizagem, o que será aprofundado nas próximas questões.

Na questão seguinte foi perguntado se os professores acreditam que a carga horária da disciplina de Libras na graduação foi suficiente para sua aprendizagem. A maioria dos docentes considera que a carga horária foi insuficiente para uma aprendizagem efetiva da Libras, com 29 docentes (88%) respondendo “Não” e 4 (12%) respondendo “Sim”. Os argumentos mais frequentes apresentados incluem: tempo reduzido de aulas para compreender os fundamentos e a prática da Libras; pouca oportunidade de prática comunicativa com a comunidade surda; foco teórico excessivo e falta de atividades didáticas voltadas para a sala de aula real.

Essa percepção confirma o que aponta Silva (2021), ao relatar que o simples cumprimento de uma carga horária mínima, exigida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), não garante a formação adequada de professores para a inclusão de estudantes surdos. Além disso, Pereira (2017) destaca que a formação em Libras, quando tratada de forma pontual e desconectada da prática docente, tende a se tornar meramente formal, sem impacto real na atuação do professor em sala de aula. Assim, embora o novo Projeto Pedagógico dos cursos de Licenciatura tenha ampliado a carga horária da disciplina de Libras, é importante ressaltar que ainda há necessidade de fortalecimento da abordagem prática e da contextualização dessa formação. Essa realidade não se limita a uma única instituição, mas reflete uma situação comum em diversos cursos de licenciatura no Brasil, onde a disciplina de Libras é muitas vezes tratada de forma superficial e desconectada da prática pedagógica. Segundo Santos, Coelho e Klein (2017), embora a disciplina esteja presente nos cursos de licenciatura, sua carga horária e abordagem prática ainda são insuficientes para preparar adequadamente os professores para a inclusão de alunos surdos.

A próxima questão buscou saber se os docentes se sentem preparados para comunicar-se com estudantes surdos em sala de aula. Esta pergunta teve como objetivo verificar o nível de autoconfiança dos professores formados em Ciências Biológicas quanto à sua capacidade de se comunicar com alunos surdos. Vinte e um professores (64%) responderam “não”, 12 (36%) responderam “parcialmente” e nenhum professor marcou a opção “sim”. Alguns dos principais motivos para esse cenário são: aprendizagem superficial da Libras durante a graduação; pouca ou nenhuma prática com estudantes surdos; falta de formação continuada específica para inclusão.

Esse resultado revela uma importante lacuna entre a formação teórica e a aplicação prática da Libras no cotidiano escolar. De acordo com Lodi (2005), muitos professores sentem-se inseguros por não terem desenvolvido habilidades básicas de comunicação em Libras, o que compromete o processo de inclusão e o próprio desenvolvimento acadêmico dos alunos surdos. Além disso, Libâneo (1998) afirma que a formação de professores precisa incluir experiências concretas e vivências reais de comunicação com a comunidade surda, para que o docente se sinta de fato preparado para atuar de maneira inclusiva. O sentimento de

despreparo por parte dos docentes reforça a importância de políticas institucionais que invistam em formação continuada, promovendo capacitações específicas e permanentes.

A próxima pergunta buscou saber sobre o que poderia ser melhorado no ensino da disciplina de Libras na graduação. Essa questão, de caráter aberto, foi elaborada com o objetivo de coletar sugestões dos docentes sobre como aprimorar o ensino da Libras nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas. Os participantes apontaram melhorias principalmente relacionadas à carga horária, metodologias e práticas pedagógicas. A seguir, são apresentadas as sugestões dadas pelos docentes (Quadro 1).

Quadro 1– Sugestões dadas pelos docentes sobre o que poderia ser melhorado no ensino da disciplina de Libras na graduação

Professor 1	“Uma maior vivência, maior contato com alunos que necessitem desse recurso.”
Professor 2	“Ser mais cobrada para que os docente trabalhe melhor e se deparar com um aluno que necessite da linguagem.”
Professor 3	“Ter a disciplina, no meu tempo não tinha.”
Professor 4	“A língua deveria ser mais praticada durante a formação docente e, se possível, em situações reais.”
Professor 5	“Aumentar a carga horária da disciplina. Incluir mais aulas práticas e interativas. Contar com a participação de pessoas surdas nas aulas. Abordar mais conteúdos sobre cultura e identidade surda. Utilizar recursos audiovisuais e tecnológicos no ensino. Oferecer material didático acessível e contextualizado. Promover trabalhos em grupo com situações reais.”
Professor 6	“Na minha graduação foi muito boa. Tínhamos um amigo surdo que sempre ia para as aulas nos ajudar. A disciplina teve muita prática. O único problema é que se não praticar, esquece-se.”
Professor 7	“O tempo ser mais otimizado. O curso de libras já possui graduação, então ver ela dentro de outro curso deixa muita lacuna. Não é tempo suficiente para aprender bem. Ajuda, mas não é suficiente.”
Professor 8	“Cursos de aperfeiçoamento para os docentes.”
Professor 9	“Integrar libras com outras disciplinas, como educação, saúde e comunicação, para demonstrar sua aplicação na prática.”
Professor 10	“Como não tive a formação na referida disciplina fica difícil opinar, no entanto defendo que é indispensável a disciplina para ajudar o docente na comunicação com escolares e partindo deste princípio vejo a necessidade de uma carga horária ampliada e a exigência de que os acadêmicos obtenham habilidades de conversação com os futuros.”

Fonte: Autores 2025.

As respostas revelam que a maior parte dos professores reconhece que o ensino de Libras precisa ir além de um único semestre com abordagem teórica. A sugestão mais frequente foi o aumento da carga horária, muitos acreditam que um período tão curto não permite a internalização dos sinais nem a compreensão da cultura surda. Além disso, a inserção de práticas pedagógicas reais, como o contato com pessoas surdas ou a vivência em escolas inclusivas, foi vista como essencial para a formação mais sólida. Essa percepção está em consonância com Quadros (2000), que defende que o ensino da Libras deve ser contextualizado e experiencial, para gerar sentido na formação do professor. Gesser (2009) reforça esse ponto ao afirmar que os cursos de licenciatura devem oferecer experiências significativas com a Libras, de forma a desconstruir preconceitos e desenvolver competências linguísticas reais para o contexto educacional inclusivo. Além disso, a presença de professores surdos ou com fluência em Libras foi mencionada como uma forma de enriquecer a aprendizagem, tanto linguística quanto cultural, aspecto igualmente defendido por Lodi (2005).

Na questão seguinte buscou-se saber se os docentes já precisaram utilizar Libras em sua prática docente. Se sim, em que contexto. A maioria dos professores (88%) afirmou nunca ter precisado utilizar a Libras em sua prática docente, o que pode indicar que a presença de estudantes surdos em seus contextos educacionais ainda é pouco frequente. Por outro lado, 4 docentes (12%) relataram ter tido experiências com estudantes surdos em diferentes situações. Sobre o contexto em que precisaram utilizar a Libras, as respostas podem ser observadas no Quadro 2.

Quadro 2- Respostas dos docentes relatando os contextos em que precisaram utilizar a Libras em sua prática docente

Professor 1	“Aluna (pessoa) com deficiência.”
Professor 2	“Avaliação do Enem.”
Professor 3	“Com uma aluna surda muda matriculada na rede regular de ensino.”
Professor 4	“No trabalho. Sou professor de dois alunos com deficiência auditiva.”

Fonte: Autores, 2025.

A ausência de uso da Libras pode refletir mais a exclusão de alunos surdos do sistema regular de ensino do que uma real ausência de necessidade. Ou seja, se os professores não utilizam a Libras, talvez seja porque os estudantes surdos não estão inseridos nas turmas, o que é um grave problema de acessibilidade. Libâneo (1998) afirma que a inclusão de estudantes surdos não depende apenas da presença de um intérprete em sala de aula, mas também da competência comunicativa dos professores, o que requer formação adequada e prática constante. A presença de alunos surdos nas instituições escolares provoca uma reconfiguração nas práticas pedagógicas e na formação dos professores, o que inclui o domínio mínimo da Libras para além da disciplina obrigatória.

Assim, os dados dessa questão mostram que os poucos professores que tiveram experiências com estudantes surdos conseguiram reconhecer a importância da Libras em situações práticas, reforçando o papel fundamental dessa disciplina na formação docente. Os

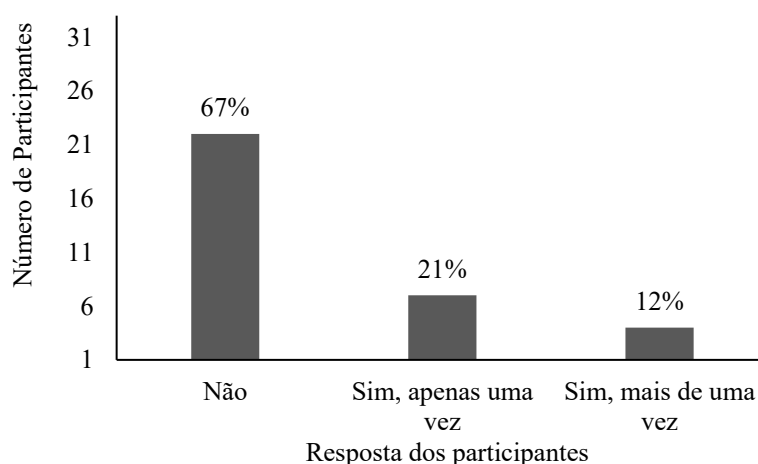
dados também revelam que, embora a formação inicial com a disciplina de Libras seja importante, ainda há um distanciamento entre o ensino da Libras na graduação e sua aplicação prática nas atividades docentes. Isso reforça a necessidade de uma formação continuada e de políticas educacionais que garantam a inclusão efetiva dos estudantes surdos no ensino de Ciências.

Na questão seguinte buscou-se saber se a disciplina de Libras contribuiu de forma significativa na formação dos docentes. Trinta professores (91%) apontaram que sim, e apenas 3 docentes (9%) indicaram que não. Esse resultado confirma que a maioria dos profissionais reconhece a relevância da Libras como uma ferramenta formativa essencial para a docência, sobretudo no contexto de uma educação inclusiva. Isso vai ao encontro do que argumenta Strobel (2009), ao afirmar que a Libras na formação inicial amplia a consciência docente sobre as práticas pedagógicas acessíveis, além de possibilitar uma comunicação mais eficaz com estudantes surdos.

Quadros e Karnopp (2007) também destacam que o contato com a Libras durante a formação inicial não apenas desenvolve competências linguísticas, mas estimula reflexões sobre inclusão, diversidade e equidade, aspectos indispensáveis à prática docente no século XXI. Por outro lado, os 9% que não identificaram essa contribuição podem ter tido uma experiência limitada com a disciplina ou uma formação superficial, o que reflete a importância de se discutir a qualidade e a carga horária da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura, como argumentam Fernandes e Moreira (2014), que defende a ampliação e qualificação da disciplina no currículo da formação docente.

Em seguida, foi perguntado aos participantes se durante sua trajetória acadêmica ou profissional, eles já participaram de alguma formação continuada, oficina ou curso específico sobre inclusão de estudantes surdos no ensino de Ciências. A maioria dos docentes (67%) afirmou que nunca participou de formação continuada voltada à inclusão de estudantes surdos no ensino de Ciências Biológicas (Figura 5). Isso revela uma lacuna preocupante na capacitação contínua, já que formações isoladas durante a graduação não são suficientes para sustentar uma prática docente inclusiva ao longo da carreira (Abreu *et al.*, 2019). Apenas 7 docentes (21%) participaram de ao menos uma formação, e 4 (12%) relataram ter buscado capacitações adicionais mais de uma vez. Isso sugere que, mesmo entre os professores conscientes da importância da Libras, há poucos incentivos institucionais ou políticas efetivas que promovam o desenvolvimento profissional contínuo nessa área.

Figura 5 – Frequência absoluta dos docentes quanto à participação em formação continuada, oficina ou curso específico sobre inclusão de estudantes surdos no ensino de Ciências



De acordo com Santos, Coelho e Klein (2017), a formação continuada deve ser um processo permanente e sistemático, especialmente quando se trata de temas como a inclusão de alunos surdos, que exigem conhecimentos linguísticos, culturais e pedagógicos específicos. A ausência de capacitações frequentes contribui para a insegurança docente diante da presença de estudantes surdos em sala de aula, como já apontado nas análises anteriores. A formação continuada é indispensável para que os professores compreendam e utilizem estratégias inclusivas efetivas, especialmente com alunos que apresentam barreiras de comunicação, como os surdos. Strobel (2009) destaca que o contato frequente com cursos e oficinas voltados à inclusão permite uma aproximação real das práticas linguísticas da Libras, ampliando o repertório dos docentes.

Na questão seguinte foi questionado se os docentes já orientaram ou acompanharam estudantes surdos em atividades de laboratório ou campo nas aulas de Biologia. Esta questão revela um dado preocupante: nenhum dos professores que participaram da pesquisa declarou ter efetivamente orientado ou acompanhado estudantes surdos em atividades práticas como laboratórios ou saídas de campo. Isso reforça a percepção de que a inclusão de estudantes surdos no ensino de Ciências Biológicas ainda não é uma realidade concreta em muitos contextos educacionais.

Entretanto, 16 docentes (48%) apontaram que têm interesse em aprender como realizar esse acompanhamento, o que revela um potencial importante para formação continuada e ações institucionais de capacitação. Esses profissionais poderiam ser incentivados a buscarem essa capacitação, por meio de políticas públicas e iniciativas acadêmicas que promovam oficinas, minicursos e vivências práticas com foco em estratégias inclusivas. A falta de experiência prática pode gerar insegurança, como destaca Silva (2021), ao afirmar que muitos docentes se sentem despreparados para lidar com a diversidade em atividades práticas por não terem vivenciado situações que os desafiem a pensar estratégias pedagógicas específicas para estudantes com deficiência. Além disso, como reforça Lopes (2004), a formação docente deve ir além da teoria, incorporando situações reais ou simuladas, para que o educador esteja preparado para construir ambientes de aprendizagem realmente acessíveis.

A questão seguinte pediu que os professores explicassem como foi a experiência da questão anterior. Apenas um professor (3%) respondeu a esta questão. Esse dado revela um padrão consistente com os dados das questões anteriores: a maioria dos docentes não possui vivência prática direta com estudantes surdos no contexto das aulas de Biologia.

A única resposta recebida traz um relato pessoal, não diretamente ligado à prática docente formal, mas sim a uma experiência familiar. Isso indica que mesmo os poucos contatos que os professores têm com a Libras ocorrem fora do ambiente educacional, reforçando o distanciamento entre a teoria aprendida na graduação e a realidade prática da inclusão. Essa ausência de experiências práticas concretas reforça a ideia de que o ensino de Libras no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas precisa ser mais vivenciado, contextualizado e articulado com a prática pedagógica.

Como destaca Quadros (2004), a formação docente deve proporcionar momentos em que os futuros professores vivenciem o contato com a comunidade surda e desenvolvam competências práticas, e não apenas conhecimentos teóricos sobre a Libras. A baixa resposta também pode ser reflexo da falta de preparo, insegurança ou desconhecimento sobre como conduzir situações de inclusão, algo que reforça a necessidade urgente de formação continuada específica e efetiva para esses profissionais.

De acordo com Strobel (2009), é essencial que o professor tenha experiências que o ajudem a compreender a cultura surda e a comunicação visual, desenvolvendo habilidades que extrapolem os limites da sala de aula convencional. Quadros (2004) afirma que a formação docente precisa ir além do ensino da Libras, considerando também os aspectos culturais e educacionais da surdez, e promovendo a integração entre teoria e prática.

A última questão era de cunho aberto e buscou saber as sugestões dos docentes para melhorar a capacitação dos professores em relação à inclusão de estudantes surdos no ensino de Ciências Biológicas (Quadro 3). As respostas revelaram importantes sugestões, sendo que as mais frequentes dizem respeito à necessidade de maior carga horária da disciplina de Libras, ao investimento em formações continuadas, ao incentivo à prática efetiva da Libras durante a graduação e à oferta de cursos de capacitação específicos para professores já atuantes. Muitos docentes também mencionaram a importância de intérpretes de Libras nas salas de aula e a inserção mais consistente da Libras no currículo dos cursos de licenciatura.

As respostas obtidas pelos professores apontam para uma percepção comum de que a formação inicial ainda é insuficiente para prepará-los para a inclusão efetiva de alunos surdos em sala de aula. Eles reivindicam maior apoio institucional, tanto das universidades quanto das secretarias de educação, para que possam adquirir as competências necessárias para uma prática pedagógica mais inclusiva e sensível à diversidade linguística.

Autores como Quadros e Karnopp (2007) reforçam essa visão, ao defenderem que a formação docente para o ensino inclusivo requer não apenas o conhecimento teórico da Libras, mas também a vivência prática e o contato contínuo com a comunidade surda. Além disso, as respostas ressaltam que o ensino de Libras não deve se restringir a um componente isolado, mas fazer parte de um processo formativo integrado e contínuo, capaz de dialogar com a realidade educacional e com as demandas específicas da área de Ciências Biológicas.

Dessa forma, as contribuições apontadas pelos professores reforçam a urgência de políticas educacionais que valorizem a formação em Libras, promovam o acesso à capacitação contínua e incentivem práticas pedagógicas inclusivas. Como destaca Gesser (2009), a formação docente em Libras não é um favor, mas um direito linguístico dos alunos surdos e uma responsabilidade ética dos educadores.

Quadro 3 – Sugestões dos docentes para melhorar a capacitação dos professores em relação à inclusão de estudantes surdos no ensino de Ciências Biológicas

Professor 1	“O órgão tem que se preocupar mais e colocar mais formação para os professores.”
Professor 2	“Implementar de forma regular nos cursos de graduação, e oferecer cursos extras com mais frequência.”
Professor 3	“Promover formações continuadas com foco na educação bilíngue e acessibilidade em Ciências; promover integração com comunidade surda; acesso a materiais próprios para trabalhar com este público.”
Professor 4	“Investir em formação continuada que envolva o aprendizado de Libras e o conhecimento sobre a cultura surda. Também é importante promover parcerias com profissionais surdos e intérpretes, além de incentivar o uso de materiais visuais e recursos didáticos acessíveis. As estratégias de ensino devem ser adaptadas para contemplar as especificidades do público surdo.”
Professor 5	“Sair mais da teoria e implementar diálogos na prática, para quando precisar usar na realidade, saber comunicar pelo menos o básico.”
Professor 6	“Que sejam realizados cursos de capacitação para que mais professores saibam orientar estes alunos.”

Professor 7	“Que os professores possam fazer mais cursos sobre inclusão e assim terem mais capacidade de lidar com estudantes surdos.”
Professor 8	“Que tenha capacitação para os profissionais da educação.”
Professor 9	“Garantir a presença de intérpretes de libras nas aulas, para facilitar a comunicação entre professores e estudantes surdos.”
Professor 10	“Deveria ter um maior incentivo por parte da secretaria de Educação, através de formações continuadas para melhorar e ter mais resultados no processo de ensino aprendizagem dos alunos que necessitam de uma atenção diferencial.”
Professor 11	“É indispensável a formação de professores para que os mesmos tenham habilidades e competências que os coloquem em condições de assistir os alunos surdos nas suas demandas. Em tempo afirmo que não há outro caminho que não seja o da formação para todos os funcionários de escola e não apenas aos professores, embora essa formação ganhe mais ênfase, notoriedade e indispensabilidade no campo da prática docente.”
Professor 12	“Disponibilidade de uma formação mais detalhada, explicativa, com tempo específico para aprender o suficiente para comunicarmos com nossos alunos, e implantá-la como disciplina obrigatória nas escolas, para que alunos e professores vivenciem uma inclusão mais respeitosa, tanto no âmbito escolar como social.”
Professor 13	“Formações continuadas que permitam aos docentes esse aprendizado, bem como incentivo salarial aos docentes que tiverem tais formações.”

Fonte: Autores 2025.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa realizada com professores de Ciências Biológicas em escolas públicas e privadas de Uruçuí, Piauí, demonstrou que a disciplina de Libras contribui significativamente para a formação docente, especialmente no que se refere à inclusão de alunos surdos. A maioria dos participantes reconhece sua importância, mas ainda aponta limitações na carga horária, na prática pedagógica e na formação continuada. Apesar do reconhecimento da relevância da Libras, muitos professores afirmaram não se sentirem preparados para utilizá-la de forma efetiva em sala de aula. Isso reforça a necessidade de ampliar a abordagem da disciplina nos cursos de licenciatura, incluindo mais práticas e formações específicas. Conclui-se, portanto, que a disciplina de Libras é essencial para a formação de professores mais preparados e sensíveis às demandas da inclusão, mas ainda precisa ser fortalecida no currículo para garantir uma atuação docente realmente inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Cremilda Peres Cangussu de; SOUZA, Henrique Silva de; FARIA, Maria José Costa; RABELO, Lucélia Cardoso Cavalcante; SOARES, Narciso das Neves. **Ensino de biologia para alunos surdos de uma escola pública: desafios na prática docente e da formação continuada.** *Revista Prática Docente*, v. 4, n. 2, p. 697–712, 2019. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/530>.
- BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.
- BRASIL. **Decreto n. 5.626 de 22 de dezembro 2005.** Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: Acesso em 08 de abril de 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio 2016.
- CASTRO, C. F. de; QUINTANA, A. M.; OLESIAK, L. da R.; MÜNCHEN, M. A. B. **Termo de consentimento livre e esclarecido na assistência à saúde.** *Revista Bioética*, v. 28, n. 3, p. 519-526, 2020. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/2213. Acesso em: 23 maio 2025.
- Creswell JW. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3ª ed. Porto Alegre (RS): Artmed; 2010.
- FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. **Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro.** *Educar em Revista*, Paraná, n. 2, p. 51-69, 2014.
- FORMULO, Cleberton. **Formação inclusiva: implicações e contribuições da disciplina de língua brasileira de sinais (LIBRAS) na formação inicial de professores de Ciências Biológicas.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Santa Helena, 2019. Disponível em: <https://riut.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/15635>.
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades – Uruçuí (PI). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/urucui.html>. Acesso em: 22 de maio de 2025.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População estimada de Uruçuí (PI). 2024a. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/urucui.html> >.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Área territorial de Uruçuí (PI), 2024b. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/urucui.html> >.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010 (Piauí).** Características da população e dos domicílios. Resultados do universo. IBGE, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2023**. Brasília: Inep, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticaseindicadores/censo-escolar/resultados>>.

LACERDA, C. B. F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. São Paulo, v. 26, n. 69, p. 163- 184, maio/ago, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** Novas exigências educacionais e profissões docentes. São Paulo: Cortez, 1998.

LODI, A. C. B. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005.

LOPES, Maura Corcini, “**A natureza Educável do surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos**” In THOMA, Adriana da Silva e LOPES, Maura Corcini (orgs), **A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, Identidade e Diferença no campo da educação**, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

KARNOPP, Lodenir Becker; QUADROS, Ronice Müller de. **Bilinguismo e surdez: políticas linguísticas e práticas educacionais**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KARNOPP, L. B. **Ensino de Língua de Sinais na formação de professores: desafios e possibilidades**. Revista Espaço, v. 32, n. 1, p. 35–48, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2015.

MOURA, Maria Cecília de. **História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais**. In LOPES FILHO, Otacílio de C. **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 1997.

PEREIRA, Jéssica A. **A disciplina de Libras na formação de professores: análise de currículos de cursos de licenciatura**. Revista Cadernos de Educação, Pelotas, n. 54, p. 234-253, 2017.

PINTO, Mariê Augusta de Souza; GOMES, Aldalúcia Macêdo dos Santos; NICOT, Yuri Expósito. **A experiência visual como elemento facilitador na educação em ciências para alunos surdos**. Revista Areté, v. 5, p. 147–152, 2012. Disponível em: <https://ri.uea.edu.br/items/23fbc67-ca68-4d92-9614-ed9b3c6fca24>.

QUADROS, R.M. de. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**. Textura, Canoas nº 3, p.54, 2000.

QUADROS, R. M. Educação de surdos: efeitos de modalidades e práticas pedagógicas. **Temas da Educação Especial IV**. Santa Catarina, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. São Paulo: Artmed, 2007. 221 p. (Biblioteca Artmed. Lingüística).

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Marli. **A inclusão da Libras nos cursos de formação de professores: política, desafios e ações**. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 133-152, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Maria Luiza. **A inclusão de surdos: práticas pedagógicas na diferença**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SANTOS, M. R. dos; ALMEIDA, F. M. de; MOREIRA, F. S. R.; GARCIA, R. O. de O.; MOLINA, M. I. C. **Surdo-mudo ou deficiente auditivo? Analisando a mudança lexicológica à luz da Lexicologia sócio-histórica.** Revista Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 26, n. 1, p. 140–160, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/25731>.

SANTOS, A. N. D.; COELHO, O. M. B. E. S.; KLEIN, M. Educação de surdos no Brasil e Portugal: políticas de reconhecimento linguístico, bilinguismo e formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 215-228, jan./mar. 2017.

SOARES, L. A. **O ensino da língua brasileira de sinais (libras) no curso de licenciatura em ciências biológicas da ufpb: uma análise da importância da disciplina na formação docente.** Areia – PB 2015, Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/10957>.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. **In (org) Educação e exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

STROBEL, K. **História da educação de surdos.** Florianópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Fabiana Marques. **Inclusão escolar e formação de professores: desafios e possibilidades.** 2021. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia 2021.

VILHALVA, G. S. do N.; SANTOS, R. dos. **Cultura escolar e inclusão de alunos surdos em questão: breve reflexão teórica.** Educação e Fronteiras, Dourados, v. 7, n. 19, p. 46–57, 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/educacao/article/view/6989>.